

CAPÍTULO CXLII¹

O pedido secreto

Quanta cousa num minuete! como dizia o outro. Quanta cousa numa briga de cães! Mas eu não era um discípulo servil ou medroso, que deixasse de fazer uma ou outra objeção adequada. Andando, disse-lhe que tinha uma dúvida; não estava bem certo da vantagem de disputar a comida aos cães. Ele respondeu-me com excepcional brandura:

– Disputá-la aos outros homens é mais lógico, porque a condição dos contendores é a mesma, e leva o osso o que for mais forte. Mas por que não será um espetáculo grandioso disputá-lo aos cães? Voluntariamente, comem-se gafanhotos, como o Precursor, ou cousa pior, como Ezequiel; logo, o ruim é comível; resta saber se é mais digno do homem disputá-lo, por virtude de uma necessidade natural, ou preferi-lo, para obedecer a uma exaltação religiosa, isto é, modificável, ao passo que a fome é eterna, como a vida e como a morte.

Estávamos à porta de casa; deram-me uma carta, dizendo que vinha de uma senhora. Entramos, e o Quincas Borba, com a descrição própria de um filósofo, foi ler a lombada dos livros de uma estante, enquanto eu lia a carta, que era de Virgília:

“Meu bom amigo,

“D. Plácida está muito mal. Peço-lhe o favor de fazer alguma cousa por ela; mora no Beco das Escadinhas; veja se alcança metê-la na Misericórdia.

Sua amiga sincera,



Não era a letra fina e correta de Virgília, mas grossa e desigual; o V da assinatura não passava de um rabisco sem intenção alfabética; de maneira que, se a carta aparecesse, era mui difícil atribuir-lhe a autoria. Virei e revirei o papel. Pobre D. Plácida! Mas eu tinha-lhe deixado os cinco contos da praia da Gamboa,² e não podia compreender que...

– Vais compreender, disse Quincas Borba,³ tirando um livro da estante.

¹ CAPÍTULO CXLII] CAPÍTULO CXLIV – em MPBC1-1880.

² da Gamboa,] de Gamboa, – em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960. Adotamos a forma das edições impressas no Rio de Janeiro, por julgá-la a mais correta. Há aí um lapso do autor: os cinco contos foram encontrados na praia de Botafogo.

³ Quincas Borba,] o Quincas Borba, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

– O quê? perguntei espantado.

– Vais compreender,⁴ que eu só te disse a verdade. Pascal é um dos meus avôs⁵ espirituais; e, conquanto⁶ a minha filosofia valha mais que a dele, não posso negar que era um grande homem. Ora, que diz ele nesta página? – E, chapéu⁷ na cabeça, bengala sobraçada, apontava o lugar com o dedo. – Que diz ele? Diz que o homem tem “uma grande vantagem sobre o resto do universo: sabe que morre, ao passo que o universo ignora-o absolutamente.” Vês? Logo, o homem que disputa o osso a um cão tem sobre este a grande vantagem de saber que tem fome; e é isto que torna grandiosa a luta, como eu dizia. “Sabe que morre” é uma expressão profunda; creio todavia que é mais profunda a minha expressão: sabe que tem fome. Porquanto,⁸ o fato da morte limita, por assim dizer, o entendimento humano; a consciência da extinção dura um breve instante e acaba para nunca mais, ao passo que a fome tem a vantagem de voltar, de prolongar o estado consciente. Parece-me (se não vai nisso alguma imodéstia), que a fórmula de Pascal é inferior à minha, sem todavia deixar de ser um grande pensamento, e Pascal um grande homem.

⁴ – Vais compreender, que eu só te disse] – Vais compreender que eu só te disse – em MPBC1-1880, em MPBC2-1881 e em MPBCEC-1960.

⁵ avôs] avós – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁶ e, conquanto] e conquanto – em MPBC1-1880.

⁷ chapéu] chapéu, – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

⁸ Porquanto,] Porquanto (com o espaço da vírgula, em fim de linha, preservado) – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.